



AUTOPERCEÇÃO E EMPATIA EM COMUNIDADES DE PRÁTICA GAYS EM SALVADOR, BAHIA

Daniel Carvalho¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho examina a produção linguística de dois informantes homossexuais² cis³ masculinos de diferentes regiões socioeconômicas da cidade de Salvador, Bahia, a fim de verificar a reinterpretação promovida pelos falantes de expressões tradicionalmente depreciativas, como *bicha*, *viado*, *passiva*, mas geralmente empregadas como marcas de referência específicas de identidade, e com isso analisar como a autopercepção autoriza sua filiação a comunidades de prática homossexuais. A autopercepção seria, portanto, responsável pelas escolhas lexicais dos falantes e sensação de filiação às comunidades de prática. Entendemos aqui a noção de autopercepção como definido por Bem (1972, p. 2): indivíduos passam a “conhecer” suas próprias atitudes, emoções e outros estados internos parcialmente através de suas inferências a partir de observações de seus próprios comportamentos explícitos e/ou das circunstâncias em que esses comportamentos ocorrem. Assim, na medida em que pistas internas são fracas, ambíguas ou não-interpretáveis, o indivíduo passa a estar funcionalmente na mesma posição de um observador externo, um observador que deve necessariamente confiar nas mesmas pistas externas para inferir os estados internos do indivíduo. Dessa forma, o indivíduo homossexual passa a perceber-se da mesma forma que um observador externo

1 Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Atualmente é professor associado da Universidade Federal da Bahia.

2 Assumiremos neste trabalho uma distinção entre *homossexual* e *gay*, sendo o primeiro conceito relativo ao desejo sexual e afetivo de indivíduos do mesmo sexo (FRY; MACRAE, 1985, p. 7), isto é, a orientação afetivo-sexual entre indivíduos do mesmo sexo biológico; enquanto o segundo conceito tem relação ao universo cultural que circunda (mas não se restringe a) os indivíduos homossexuais. Por questões de análise, manteremos a expressão *comunidade homossexual*, mas somos conscientes de sua limitação.

3 *Cis-* é um prefixo latino que significa “do lado de cá” e se opõe ao prefixo *trans-* (*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/cis-> [consultado em 02-09-2016]). Assumiremos para nosso estudo a definição de *cis-* extraída de Crethar e Vargas (2007, p. 61) para os estudos da sexualidade: *Cisgênero* é a expressão usada quando a identidade de gênero de um indivíduo corresponde ao seu sexo nativo (por exemplo, homens masculinos e mulheres femininas). Consequentemente, *cisnormatividade* é a assunção e/ou crença de que todo homem é/deve ser masculino e toda mulher é/deve ser feminina.



e, assim, delimita suas atitudes e escolhas pessoais, inclusive as linguísticas da forma que acredita ser a mais aceitável dentro de um grupo ao qual pretende filiar-se.

METODOLOGIA

A presente pesquisa traçou, a partir do embasamento teórico dos estudos de Robert J. Podesva (2002), os de Janny Cheshire (2005) e os trabalhos de Ronald B. Mendes (2011). Raquel Freitag *at al.* (2012) e Carvalho e Almeida (2016), um paralelo entre as divergências e as aproximações pragmáticas que apareceram nas falas desses informantes durante a coleta de dados orais (entrevistas e conversa entre amigos). Para tanto, fizemos uso do quadro teórico-metodológico da Teoria da Variação Linguística (cf. LABOV, 2001), lançando mão de vertentes da chamada terceira onda dos estudos sociolinguísticos, preconizada por Eckert (2000) e Podesva (2002), assim como dialogamos com produções pós-estruturalistas, ressaltando as contribuições sobre a compreensão de gênero trabalhada por Butler (1990). O tratamento dos dados foi realizado sob o arcabouço teórico-metodológico da terceira onda sociolinguística, considerando a variação, sobretudo, como recurso para a construção de significado social dentro de uma rede (ECKERT, 2012). Pretendeu-se, portanto, verificar a produção linguística de dois informantes, ambos da faixa etária entre 18 e 25 anos, frequentadores de regiões diferentes (Orla e Centro) da cidade de Salvador, Bahia, a fim de se observar que traços linguísticos permitem identificar filiação a uma comunidade de prática. Percebeu-se a necessidade de considerar o traço [empatia] (Kuno, 1987) para analisar a fala desses informantes, sobretudo no que diz respeito à resignificação de expressões como “bicha”, “viado” e “mona”, por exemplo – considerados, vernacularmente, expressões depreciativas. A análise dos dados baseou-se na observação da filiação dos informantes em suas respectivas comunidades de prática, que foram inicialmente definidas geograficamente. Percebeu-se, entretanto, que a distribuição geográfica, uma das variáveis tradicionais da Sociolinguística, não foi suficiente para definir as comunidades de prática observadas. A noção de *indexicalização* foi essencial para a definição de comunidade aqui utilizada: na medida em que o falante faz uso de uma expressão como “bicha” em momentos específicos, ele inaugura um contexto relevante para a fixação de tal termo a um valor semântico. Este valor, para a terceira onda Sociolinguística, precisa ser compartilhado por pessoas engajadas em um empreendimento comum. Assim, partindo de estudos cada vez mais frequentes



com relação à diversidade linguística no âmbito da identidade de gênero, propomos o rompimento com os paradigmas tradicionais no estudo sociolinguístico, cujas análises não contemplam a orientação sexual do indivíduo enquanto uma variável relevante para o estudo de sua produção linguística. Compreendemos, portanto, os homossexuais masculinos soteropolitanos enquanto participantes de Comunidades de Prática – agregado de pessoas que se engajam em algum empreendimento comum (FREITAG, MARTINS e TAVARES, 2012) –, e a língua enquanto um dos elementos através do qual falantes constituem suas identidades. Para tanto, iniciamos a seleção e montagem de um *corpus* que permita o tratamento dos elementos pronominais de referência de gênero nos dados – em especial quando termos como “bicha”, “viado” ou “gay”, por exemplo, deixam de ser empregados enquanto expressões adjetivais e passam a fazer referência de pessoa, mantendo referência de gênero (social) ambígua.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados parciais mostram que o informante que compõe e participa da comunidade de prática da Orla desenvolve um senso positivo de pertencimento [+empatia], e cuja identidade é construída também através de sua produção linguística. Expressões como *mona*, *viado* e *bicha* são indexicalizadas e funcionam como expressões referenciais específicas. Já o informante da comunidade do Centro da cidade, por seu turno, desenvolve um sentimento negativo (-empatia) e, linguisticamente, não se sente confortável em articular a construção de sua persona a termos como *viado*. Isso se deve, parcialmente, à marcação simbólica enquanto meio através do qual as práticas sociais ganham sentido: “[...] nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade” (WOODWARD, 2000, p. 56). A indexicalização, por parte do informante 1, à comunidade de prática gay da Orla, rasura expectativas de gênero. No contexto social em que ele está inserido, sua experiência linguística, assim como o seu consumo e sua postura política, o posicionam em determinado lugar social e funcionam enquanto ferramentas através das quais ele forja sua identidade e ressignifica sua experiência. O que vimos através destas produções linguísticas de nossos informantes é que o processo de autopercepção, auto-aceitação e (re)conhecimento da homossexualidade traz ainda uma carga significativa de sofrimento psíquico, como pôde ser visto no informante do



Centro. Por outro lado, assumir uma posição de sujeito diferente do que produz a norma (também linguística) significa construir resistência pessoal e política que rompe com modelos sociais hegemônicos, abrindo novas perspectivas de olhar sobre o assunto que podem gerar frutíferas discussões.

CONCLUSÕES

Blackless et al. (2000) estimam que cerca de 1% dos bebês nascem com características divergentes daquelas interpretadas como macho e fêmea. Essas crianças, para que se adequem às classificações de sexo biológico, frequentemente são submetidas a manipulações endócrinas e cirurgias de ordem estética, ou seja, mesmo algo que encaramos enquanto estritamente natural, recebe um tratamento culturalizado. Este dado ilustra o quanto a Agenda do Gênero se inscreve sobre os nossos corpos desde o momento do nascimento (ECKERT; MCCONNELL-GUINET, 2003). Gênero, por conseguinte, não é algo com o qual nascemos ou algo que temos: é algo que performamos (BUTLER, 1990). Desde crianças, apreendemos como ser menino ou menina a partir das referências que nos são lançadas – da cor da roupa às brincadeiras permitidas. Conforme internalizamos essas informações, não só as reproduzimos como nos tornamos parte fundamental no agenciamento da performance de gênero de outras crianças. Adquirida certa independência dos nossos pais, torna-se importante que perguntar o nosso gênero não se faça necessário, pois este precisa ser um aspecto facilmente identificável de nossa persona. Outras identidades, inclusive a gay, são marginalizadas na medida em que não correspondem à expectativa hegemônica que atribui ao pênis uma identidade masculina, e à vagina uma identidade feminina. O gênero, portanto, não é natural, é construção social. Do contrário, por que se faria necessário que fôssemos agenciados a performá-lo? A nossa proposta de rasura no significante “gay”, por consequência, dá-se com base na noção de Butler de que performamos gênero. A prática estilística, portanto, noção que tanto interessa à terceira onda Sociolinguística, é parte fundamental da maneira como os homossexuais masculinos constroem sua participação em um agregado de pessoas. Esta discussão é pertinente na medida em que nosso projeto se interessa pela produção linguística dos homossexuais soteropolitanos levando em consideração sua identidade de gênero, sua performance. A seleção lexical dos informantes, por consequência, seria uma maneira consciente de indexicalizarem, às suas falas, o pertencimento à comunidade de



prática gay.

REFERÊNCIAS

BEM, D. J. Self-Perception Theory. In L. Berkowitz (Ed.), **Advances in Experimental Social Psychology**. New York: Academic Press, 1972, p. 1-62.

BLACKLESS, Melanie; CHARUVASTRA, Anthony; DERRYCK, Amanda; FAUSTO-STERLING, Anne; LAUZANNE, Karl; LEE, Ellen. How sexually dimorphic are we? Review and synthesis. **American Journal of Human Biology**, 12, 2000, p. 151-166.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

CARVALHO, D.S.; ALMEIDA, R.G. *Empatia como traço de filiação a comunidades de prática gays em Salvador (Ba): considerações iniciais*. Ms. Universidade Federal da Bahia, 2016.

CHESHIRE, J. Age and generation-specific use of language. In AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K.; TRUDGILL, P. (eds.) **Sociolinguistics: An Introductory Handbook of the Science of Language and Society**. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 1552-1563, 2005.

ECKERT, P. **Linguistic Variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n.41, 2012, p. 87-100.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GUINET, Sally. **Language and gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FREITAG, R.M.K.; MARTINS, M.A.; TAVARES, M.A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, São Paulo, n. 56, v. 3, 2012, p. 917-944.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. Coleção Primeiros Passos, n. 26. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1985.

KUNO S. **Functional syntax: Anaphora, discourse, and empathy**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.



LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

MENDES, R. B. Gênero/sexo, Variação linguística e intolerância. In: BARROS, D. L. P. de. (Org.). **Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas**. São Paulo: Mackenzie, 2011, pp. 1-30.

PODESVA, R. J. Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona. **Journal of Sociolinguistic**, Hoboken, v.11, 2002, p.478-504.

Priberam da Língua Portuguesa [online], 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, Stuart (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 7-72.